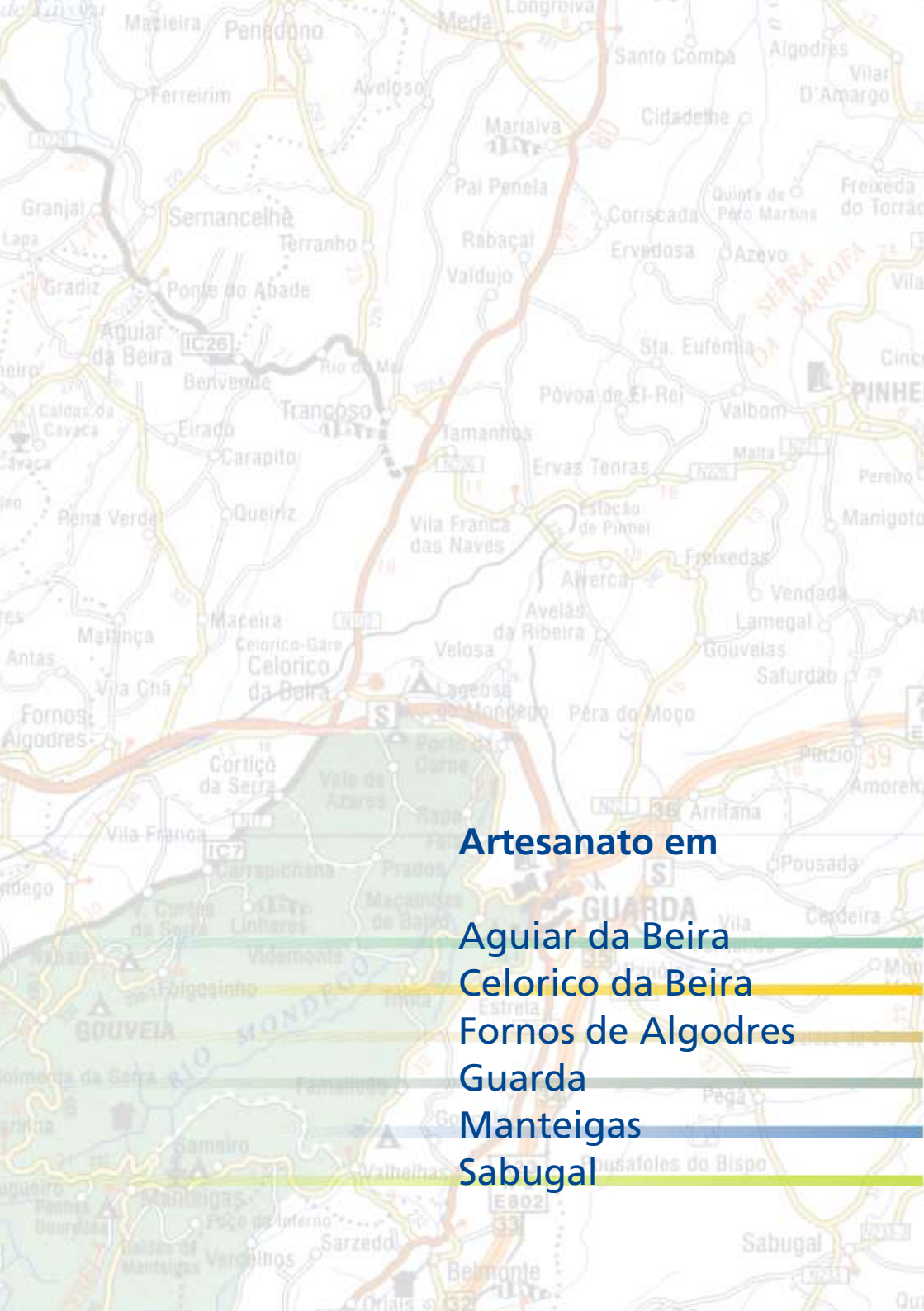


# Artesanato nos Concelhos



Aguiar da Beira  
Celorico da Beira  
Fornos de Algodres  
Guarda  
Manteigas  
Sabugal





**Artesanato em**

**Aguiar da Beira**

**Celorico da Beira**

**Fornos de Algodres**

**Guarda**

**Manteigas**

**Sabugal**



A Planicôa, Cooperativa de Planeamento e de Desenvolvimento Rural, Local e Regional, CRL, é uma organização, de âmbito nacional, tem como objecto social “promover o desenvolvimento rural, local e regional através de actividades nas áreas do planeamento, formação, auditoria, estudos económicos e de inovação e desenvolvimento, contabilidade, análise de investimentos, projectos, recuperação do património e actividades produtivas e de distribuição que dinamizem o desenvolvimento local e regional, em particular nas zonas rurais”.



# Equipa técnica

## **Coordenador Técnico Científico:**

Prof. Doutor Felisberto Marques Reigado

## **Coordenadora Administrativa e Financeira:**

Dr.<sup>a</sup> Deolinda Maria Amaral Reigado

## **Investigadores Seniores:**

Prof. Doutor António J. Fernandes de Matos

Dr. Manuel Dourado

Dr. Horácio Augusto Marques Reigado

## **Investigador Júnior:**

Dr. Nuno Bigotte dos Santos

## **Colaboradores na Investigação:**

Dr.<sup>a</sup>. Carla Sofia Figueiredo Santos

Dr. José Nelson Vieira Gomes

A globalização da economia, e da sociedade em geral, obriga a repensar paradigmas de desenvolvimento. Competir num mercado global, valorizando os recursos locais, constitui um desafio que obriga a repensar processos de produção e de distribuição delineados no quadro de uma abordagem sistémico-dinâmica e ancorados num elemento pivot que aglutine sinergias para um processo integrado e multidimensional de desenvolvimento.

Portugal tem uma riqueza artesanal e patrimonial considerável distribuída de forma desigual por todo o país. O interior do país, no qual se situa a zona da Guarda, é portador de uma riqueza histórica e patrimonial de inegável interesse que, pouco a pouco, se tem vindo a degradar por ausência de uma política consistente que, tirando partido das novas tecnologias, aposte no aproveitamento integrado da herança histórica para construir o futuro.

Utilizar a riqueza artística do artesão para fazer réplicas do património nacional que sejam, simultaneamente, objectos de adorno e de usos doméstico parece-me ser um dos caminhos a percorrer para garantir o desenvolvimento sustentado da Guarda e do interior de Portugal. Para tal é necessário apostar na formação dos actuais e de novos artesãos. É necessário formar artesãos que, com espírito inovador, dominem não só as tecnologias tradicionais mas se apoiem também, nas novas tecnologias da informação e da comunicação, no design, no marketing e num conhecimento sócio cultural abrangente.

O turismo, que deverá ter como cartaz esse “novo” património (conjunto do património histórico, construído, religioso, gastronómico e natural), deverá também ser o principal mercado e embaixador dessa nova indústria que chamamos de indústria cultural.

Defendemos que só um plano de desenvolvimento integrado, que tire partido do passado (história, património, actividades económicas tradicionais) valorize o presente (recursos humanos, naturais, científicos e tecnológicos) e perspetive o futuro, numa visão sistémico-dinâmica, poderá encetar um processo de viragem que garanta um futuro melhor para o interior.



Prof. Doutor Felisberto Marques Reigado  
Presidente da Direcção da Planicôa

O artesanato, enquanto recurso cultural, é actualmente reconhecido como um importante factor na dinamização das economias locais/regionais. Este pode ser definido como a manufactura de objectos com matéria-prima existente na região, produzidos por um ou mais artífices com o auxílio dos seus familiares, numa pequena oficina ou na própria habitação, com o fim de os trocar ou vender; uma pequena indústria especializada ou ainda um conjunto de artes especializada (Costa e Melo, 1999:161). Refira-se que o artesanato tradicional produzido em algumas das aldeias portuguesas ainda não perdeu o cariz utilitário que desde sempre lhe esteve subjacente, materializando-se em objectos úteis e funcionais, mas também em peças, mais ligadas aos actos festivos e à decoração reforçando assim a sua expressão estética. A permanência das necessidades e, em especial, a utilização do artesanato para fins decorativos tem travado o desaparecimento deste tipo de actividade e do próprio artesanato.

A presente brochura pretende apresentar um quadro global do artesanato, nas suas formas mais significativas e representativas dos concelhos da área de influência do Instituto de Emprego e Formação Profissional - Guarda, isto é, os concelhos de Aguiar da Beira, Celorico da Beira, Fornos de Algodres, Guarda, Manteigas e Sabugal.

Na região estão referenciados 94 artesãos, dos quais 15 trabalham a madeira, 14 produzem artigos de cestaria, 13 estão ligados à gastronomia, 11 ao ferro e 10 à tecelagem, às rendas e bordados e a outros tipos de artesanato. Em colaboração com as Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia, foram seleccionados os mais representativos de cada localidade e por tipo de artesanato, ou seja, foram contactados 34 artesãos o que corresponde a uma amostra de 36% do universo total.

Esta brochura, sendo temática, além da introdução inclui um pequeno texto sobre cada tipo de artesanato - artigos em pele, cestaria, ferro, cutelaria, latoaria, olaria, tamancaria e trabalhos em madeira, tecelagem, rendas e bordados, miniaturas em pedra e gastronomia, bem como a apresentação sintética de uma estratégia para o relançamento do artesanato alicerçada na indústria cultural, no turismo e formação.

Partindo de uma visão sistémica da sociedade, o artesanato enquanto seu subsistema, é percebido como um recurso importante da sociedade que deverá ser reconhecido e valorizado. Ora, o país e, naturalmente, a região em que o estudo se insere possuem um vasto e rico património construído. Além de um número considerável de antas, destaque-se as gravuras rupestres do Vale do Côa, as pontes, estradas e outras edificações do período de ocupação romana, os castelos medievais, os pelourinhos, solares e casas brasonadas. Refira-se, ainda, a proximidade a várias localidades que fazem parte do Programa Aldeias Históricas de Portugal (Almeida, Castelo de Mendo, Castelo Rodrigo, Linhares, Sortelha, Marialva, Castelo Novo), bem como de algumas cidades, vilas ou aldeias típicas (Trancoso, Folgoso, Cidadelhe). Este património construído pode e deve, para além de todas as valências já reconhecidas e exploradas comercialmente, servir de modelo a novas peças de artesanato conciliando a vertente decorativa com a utilitária.

O “redescobrir” do património ao mesmo tempo que dá visibilidade e divulga o património construído permite a criação de novos artigos, produzidos com técnicas artesanais, criando assim condições para o surgimento das “indústrias culturais”. Refira-se, ainda, que algumas destas peças poderão servir para acondicionar alguns produtos locais como seja a amêndoa, a castanha, os figos, o mel, o azeite, etc. valorizando-se mutuamente e levando mais longe a cultura e a tradição regional.

Neste contexto, as entidades públicas deverão implementar uma estratégia activa que permita o ressurgimento do património como actividade cultural, social e económica em estreita ligação com o turismo. A evolução do artesanato, tal como é praticado actualmente, deve caminhar para uma “indústria cultural” criadora de riqueza, notoriedade e identificação regional pelo que será necessário a elaboração e implementação de um “Plano integrado de desenvolvimento do artesanato e valorização do património” que, entre outros aspectos, concilie a tradição com a inovação, a formação qualificada em sala de aula com a formação informal, estimule o aprender-fazendo, fomente o associativismo, integre o artesanato na cadeia de valor societário, incentive os jovens a enveredar por uma carreira ligada ao artesanato, divulgue o artesanato junto dos operadores turísticos.

A preservação e a “redescoberta” pelas camadas mais jovens da região, mediante, designadamente, a organização de visitas de estudos dos alunos dos 2º e 3º ciclos do ensino básico, às oficinas em plena actividade laboral, bem como a organização e implementação de um curso profissional de nível III, na região, vocacionado para a formação dos jovens na vertente das artes e ofícios tradicionais, seguido de estágios, incentivando-os à criação do próprio emprego, assume-se como um instrumento central da política de revitalização económica e social do artesanato que, integrado no já referido Plano, possibilite a continuidade e preservação das artes artesanais.

As peles fundamentalmente de bovinos, mas também de ovinos e caprinos, uma vez curtidas, são depois utilizadas, por correeiros, tamanqueiros, fabricantes de foles e de peças de vestuário, etc, incorporando outras materias-primas existentes na região, numa íntima ligação com o duro quotidiano do meio rural.

O correeiro, utilizando a pele do lado de carnaz e a palha como enchimento, produz arreios para animais de tracção (o burro, a égua, o cavalo ou a vaca), designadamente, a albarda, a sela, a coalheira, o bornil, a meleia, que são utilizados como força motriz na agricultura.

O tamanqueiro, utilizando a madeira do amieiro e o cabedal de "atanado", fabrica os vários tipos de tamancos ou socos.

A pele e a madeira, juntamente com o ferro, voltam a associar-se na fabricação de foles utilizados como acessório da lareira nas terras do interior, com duros invernos, onde se torna indispensável um bom fogo.

Em Famalicão da Serra, concelho da Guarda, ainda encontramos um fabricante de albardas. Também em Manteigas se encontra a produção, em pequena escala, de vestuário e calçado em pele, designadamente, casacos, coletes, luvas, pantufas, etc.



A cestaria, com origem no Norte de África, terá chegado ao território português através do Algarve e da Andaluzia.

Utilizando espécies arbóreas autóctones, designadamente, o vime, o junco, o bambu, a palha de centeio, o castanheiro, o salgueiro e o carvalho, os artesãos fabricam um variadíssimo leque de artefactos, como cestos de todos os feitios e usos, cestas de merenda com tampa, cabazes, açafates, gigas, berços de criança, canapés, cestos de padeiro, etc.

A localidade de Gonçalo, no concelho da Guarda, orgulha-se desta tradição cesteira de mais de trezentos anos, que, segundo Alberto Correia, daí derivou para a Madeira e Brasil e se difundiu por outras regiões do território nacional, designadamente para o Baixo Mondego.

Em Celorico da Beira, em Famalicão da Serra do concelho da Guarda e Sortelha do concelho do Sabugal empalham-se garrafões e fabricam-se cestos em castanho e em bracejo.

Têm também muita fama os cestos fabricados em Vale de Azares do concelho de Celorico da Beira com os seus bordos reforçados e duas asas destinados ao serviço rude da lavoura para transporte de pesadas cargas, bem como as cestas de arroba com asa de verga entrançada.

Em Prado do concelho de Aguiar da Beira, fabricam-se ainda as chamadas palhoças ou croças, que, entre outros sentidos, significa capote de palha, capa feita de palha ou colmo que os camponeses habitualmente usavam para se protegerem da chuva. Estas capas de palha eram também utilizadas pelos pastores em toda a zona da Serra da Estrela.



O ferreiro é tão antigo na terra como o próprio ferro. Surgiu antes do serralheiro e do cuteleiro, tornando-se a sua actividade indispensável na economia rural. A técnica de trabalhar o ferro mantém-se segundo genuínos processos tradicionais recolhidos ao longo dos séculos, posto ao rubro na forja e depois malhado na bigorna com auxílio do malho e das tenazes.

Tradicionalmente o ferreiro produz peças para uso no lar, na lavoura, nas pedreiras, na exploração mineira e para incorporação em diversos outros produtos, designadamente construção civil, fabricação de mobiliário, etc.

No concelho da Guarda resistem ainda alguns artesãos. Em Galegos e em Carpinteiro (Casal de Cinza), a fabricação de miniaturas de utensílios agrícolas; em Maçainhas fabricam-se as celebres campainhas de bronze; e em Jarmelo produzem-se esculturas e candeeiros.

Também em Soito, concelho do Sabugal, se encontram ainda esculturas em ferro e madeira.



# Cutelaria

18

A cutelaria é a arte de trabalhar o ferro sob a forma de cutelos e outros instrumentos de corte. A cutelaria doméstica é constituída fundamentalmente por talheres, facas, tesouras, machados, foices e cutelos.

Há indicações de que a cutelaria se pratica em Portugal desde o século XV, com grande incremento na cidade de Guimarães.

Em Jarmelo, concelho da Guarda, terra de ferreiros, resiste ainda um artesão que fabrica tesouras de tusquia, durante alguns meses do ano. Também se fabricam ainda facas e instrumentos de corte de lanha e de mato. Antigamente fabricavam-se diversos outros instrumentos para uso rural, designadamente enxadas e machados.



Foi com os descobrimentos e a expansão que os produtos de latoaria se tornaram essenciais, não só para o acondicionamento e transporte a bordo de produtos líquidos e secos, como serviu também como moeda de troca nos territórios descobertos.

A produção em larga escala de artigos de latoaria está relacionada com a descoberta e divulgação, no Século XVIII da chamada “folha de Flandres”.

As almotolias (levar o azeite à mesa), as lanternas (para iluminação das cortes dos animais e que diminuem o risco de incêndio), as candeias de iluminação das casas e das minas, os funis (engarrifar azeite, vinho, fazer charcutaria caseira), latas para conservação do fumeiro, bilhas de azeite, mungideiras, cântaros do vinho, utensílios diversos para a produção artesanal do queijo da serra, e muitos outros objectos utilizados na higiene pessoal e na agricultura.

Este tipo de artesanato requer do artesão mais habilidade manual do que grandes recursos técnicos ou ferramentas complexas. Uma tesoura para cortar chapa depois de moldada, um maço de madeira para bater a folha, uma bigorna, uma trancha para fazer a curvatura e uma máquina de dobragem, e outra de soldar, são os principais instrumentos que o latoeiro utiliza.

Estas arte tem grandes tradições na Guarda e em Fornos de Algodres.



A olaria, actividade essencialmente rústica e artesanal, que consiste na arte do fabrico de objectos e loiças em barro, era já praticada na antiguidade.

Para o desenvolvimento e aperfeiçoamento desta arte contribuiu, de forma decisiva, o emprego da roda de oleiro, por volta da primeira metade do III milénio antes de Cristo, no Egipto e no Próximo Oriente.

A tradição dos oleiros populares persiste até aos dias de hoje. O encanto da olaria é porventura a beleza e a elegância das suas formas inventadas e aperfeiçoadas por sucessivas gerações de oleiros, surpreendendo os apreciadores com as suas autênticas obras-primas.

O artesanato em olaria ainda está presente na cidade da Guarda no fabrico de pequenas esculturas decorativas e em Aldeia da Ponte do concelho do Sabugal na fabricação de peças utilitárias.



O tamanco ou soco, considerado o calçado dos pobres, é um calçado rústico, de couro grosseiro e sola de madeira, único calçado antigo que chegou aos nossos dias.

Em tempos recuados existiam tamanqueiros por quase todo o país. As formas e os modelos deste calçado evoluíram de acordo com as características do terreno onde eram usados. Nas regiões do litoral planas, a sola do tamanco era direita. Nas zonas mistas a biqueira do tamanco era ligeiramente arqueada. Nas regiões montanhosas a mesma sola apresentava uma maior curvatura, permitindo assim a intencional aderência do pé para melhor se adaptar ao terreno e à marcha.

Na confecção do tamanco é utilizada a madeira de amieiro seca, por ser pouco porosa, preparada com a enxó e acabada com o formão e a pele de boi curtida, conhecida no interior centro por “atanado”, cortada com recurso a moldes. Depois de enformados as duas peças são fixados por tachas.

Na região da Guarda existia também forte tradição na fabricação deste calçado, designadamente em Pena Verde do concelho de Aguiar da Beira e em Fornos de Algodres. Actualmente apenas se encontra em actividade o tamanqueiro de Fornos de Algodres, considerado um dos últimos sobreviventes de sucessivas gerações desta arte.



Designa-se por madeira a parte compacta, fibrosa e sólida das árvores.

Trata-se de uma matéria prima bastante abundante entre nós, grande parte dela fácil de trabalhar, permitindo assim a sua utilização para fins distintos.

Durante o século XX, a produção artesanal de mobiliário desapareceu praticamente dos países desenvolvidos. A marcenaria actual é caracterizada pelo grande avanço, quer no que respeita aos materiais, quer a maquinaria.

Paralelamente foi desaparecendo também o marceneiro de aldeia, vocacionado para a produção de mobiliário rústico e todo o tipo de alfaias agrícolas.

Alguns dos antigos marceneiros e outros atraídos para o ofício viram, como janela de oportunidades, uma maior dedicação à fabricação de peças de decoração e miniaturas de replicas de mobiliário rústico e de alfaias agrícolas diversas. É frequente encontrar-se em feiras de artesanato e de lojas da especialidade, escanos ou escabelos, masseiras, loiceiros, arcas, tulhas, bancos, tabuleiros, cabides, colheres, tábuas de cozinha, teares, espigueiros, carros de bois, arados, ancinhos, forquilhas, etc. São peças com significativa aceitação junto dos consumidores, especialmente os brinquedos com características didácticas e pedagógicas.

Em Casas de Soeiro do concelho de Celorico da Beira, em Manteigas e em Famalicão da Serra do concelho da Guarda, existe uma importante produção de objecto rústicos em madeira, constituída por miniaturas de utensílios rurais tradicionais.

Nesta região da Serra da Estrela é também bem conhecida a chamada "arte pastoril", desenvolvida pelos pastores. Utilizando a madeira do abetoeiro, do plátano, da faia, do freio, do vidoeiro, da macieira e da oliveira, os pastores, com recurso ao "malegre" procediam à "cortanchada", utilizando para o acabamento o canivete. Faziam, entre outras, flautas, cucharras, travincas, etc. As peças tinham que ser de pequenas dimensões por forma a serem transportadas no alforge.



A tecelagem teve origem na China, Índia e Oriente Próximo, no período neolítico. É um arte milenária criada pelo homem para dar resposta às suas necessidades primárias de se cobrir e proteger.

Esta arte doméstica, que consiste no entrelaçar de fios com a ajuda de um tear, chegou à Europa por volta dos Séculos XII e XIII.

No Século XIV em Itália, na cidade de Veneza, produziam-se veludos e brocados e em Milão e Turim a seda. No Século XVI a França produzia os famosos tapetes Gobelin e Savonnerie.

No Século XIX a Inglaterra inventou o tear mecânico a vapor e a produção industrial em larga escala.

Entre nós, todavia, a produção artesanal resistiu e está aí para ficar. Esta arte foi assegurada, de norte a sul do país por artesãos isolados utilizando um tear rudimentar no seu próprio domicílio, utilizando como fibras o linho, a lã e o algodão.

Com o linho eram feitos lençóis, toalhas, colchas e vestuário fino. A Beira Interior, nas zonas de Castelo Branco, Fundão e Covilhã, foi grande produtora e transformadora do linho.

Com a lã, depois de fiada, eram tecidas mantas, burel e outros tecidos que eram utilizados na confecção de roupas.

O tecido de trapo (roupas velhas ou desperdícios de tecidos), para fabricação de mantas, carpetes, tapetes e passadeiras, continuam a ter significado em algumas regiões do país.

Em Maçainhos e Jarmelo, do concelho da Guarda, fabricam-se cobertores de papa, em lã e tecidos em trapo, respectivamente. Na Lomba, do concelho de Sabugal e em Manteigas, fabricam-se tapetes.



As rendas e os bordados constituem artes decorativas da antiguidade progressivamente desenvolvidas pelos povos mais evoluídos.

A renda, feita com fio de algodão, linho, seda, ouro ou prata, foi inicialmente reservada para ornamento de vestuário eclesiástico, tornando-se conhecida pela designação de “labor da monja”.

Em França a sua confecção foi rapidamente adoptada pela nobreza para ornamentação do seu vestuário.

A renda, confeccionada com agulha ou de bilros, converteu-se depois numa das indústrias mais florescentes de Itália, França, Bélgica, Holanda, Espanha e Inglaterra.

As três categorias de rendas, designadas de bilros de agulha e de croché foram e são ainda actividades artesanais praticadas de Norte a Sul do país. Actualmente convirá destacar as rendas de Vila do Conde, de Peniche, de Semide, concelho de Miranda do Corvo, Erada, concelho da Covilhã e Penha Garcia, concelho de Idanha-a-Nova.

O bordado terá surgido na região do Próximo Oriente (Egípto, Pércia e Turquia), a partir da qual chegou à Europa. Foi muito utilizado no vestuário do clero e das casas reais, designadamente por Carlos Magno, Isabel de Inglaterra e Henrique VIII.

O bordado tem grande tradição em Portugal, destacando-se actualmente o bordado da Madeira conhecido mundialmente, o ponto de Castelo Branco, o crivo de Guimarães, o bordado de Viana do Castelo, o bordado de Nisa, o bordado de Tibaldinho, o bordado de Gouveia, etc.

Em Mizarela e Aldeia do Bispo do concelho da Guarda e em Fornos de Algodres encontramos ainda importantes trabalhos de rendas e de bordados executados em panos de linho para lençóis, fronhas e toalhas.



A antiga casa rural, geralmente residência do pequeno lavrador, humilde e pequena, mas bela na sua sábia simplicidade, ainda se pode encontrar, em quase todo o país, particularmente em regiões de minifúndio, constituindo hoje, alguns desses aglomerados, autênticos museus a céu aberto, como é o caso das Aldeias Históricas.

No Norte e Beiras predomina na construção o granito, mas também se vê, por vezes, o xisto e a madeira. No Sul e no Litoral do Centro, onde escasseia a pedra, a construção é de adobe e a taipa. De alvenaria de barro ou pedra, são as construções de todo o Alentejo e Algarve.

O granito é ainda hoje muito utilizado como rocha ornamental e na construção civil. Na região de Ponte de Lima existem importantes oficinas onde os mestres canteiros, armados de cinzel e maço, transformam bocados de rocha extraída da serra em peças de grande valor, como capiteis, colunas, pedras de armas, figuras religiosas e populares da região, etc.

Em João Bragal, concelho da Guarda, um artesão dedica-se à construção de miniaturas de habitações e outras construções, típicas da região, utilizando para o efeito pedaços de granito.



A gastronomia é uma arte que abrange a culinária, as bebidas, os materiais usados na alimentação e, em geral, todos os aspectos culturais a ela associados.

No decurso da 2ª metade do século XX, os industriais, produtores alimentares, publicitários, restauradores e nutricionistas procuraram, por todos os meios, modificar o comportamento do público relativamente aos seus hábitos alimentares tradicionais. A confusão instalou-se e as frequentes opiniões, muitas vezes contraditórias, sobre a ementa mais aconselhável, nada ajudaram.

Na década de noventa surgiram vozes em defesa dos produtos tradicionais e regionais. E falar de produtos genuinamente portugueses é falar dos enchidos: a morcela da Guarda; o chouriço de mel de Vinhais e de Bragança; as alheiras da Beira Alta e de Trás-os-Montes; o salpicão de Trás-os-Montes e Alentejo; o bucho, o maranho e o butelo da Beira Alta, Beira Baixa e Trás-os-Montes, respectivamente; a morcela de arroz da Extremadura; a cachoeira do Alto Alentejo; etc.

Ou falar ainda dos queijos: da Serra (leite de ovelha); de Envendos (Mação e Proença-a-Nova com leite de cabra); de Castelo Branco (leite de ovelha); de Idanha-A-Nova (leite de ovelha); de Niza (leite de ovelha e cabra); de Azeitão (leite de ovelha); de Évora (leite de ovelha e cabra); de Serpa (leite de ovelha); da Ilha (leite de vaca); etc.

Como é sabido na região da Guarda produz-se o queijo com maior fama a nível nacional e internacional.

A sua produção obedece hoje a regras apertadas e tem região demarcada à qual pertencem os concelhos de Celorico da Beira e Fornos de Algodres. A sua produção é feita a partir do leite da ovelha, principalmente no período compreendido entre os meses de Novembro e Março.

Da região da Guarda têm também fama os enchidos aí produzidos, designadamente a morcela, a chouriça, a farinheira e o bucho.

A receita da produção e tempero dos enchidos é quase tão variado quanto o número de terras onde são confeccionados.

Pode todavia afirmar-se que, em comum, na grande parte dos enchidos, utiliza-se a tripa do porco e a carne magra e entremeada, temperadas com alho, vinho, cebola, especiarias, cominhos, salsa, entre outros.



# Índice

Prefácio	6
Introdução	8
Estratégia	10
Artigos em pele	12
Cestaria	14
Ferro	16
Cutelaria	18
Latoaria	20
Olaria	22
Tamancaria	24
Trabalhos em madeira	26
Tecelagem	28
Rendas e bordados	30
Miniaturas em Pedra	32
Gastronomia	34



*... Todas as Artes Populares e não só,  
tentam, e por vezes conseguem  
riscar, num risco inadiável  
as memórias, os sonhos, as mensagens  
desta viagem breve,  
permanentemente renovada no ritmo das gerações ...*

*Lagoa Henriques*

**Co-financiado por:**



Instituto de Emprego e Formação Profissional



Cooperativa de Planeamento e de  
Desenvolvimento Rural, Local e Regional, CRL

**Apoio:**



Publicidade - Fitolito/Offset - Digitalização de imagem - Impressão Digital  
Decorações: Montras/Viaturas - Corte/Aplicação Vinil - Stands/Acrílicos

Amadora: Tel.: 21 494 51 39 - Fax: 21 491 31 62

E-mail: [reprocromo@mail.telepac.pt](mailto:reprocromo@mail.telepac.pt)